



Chryst Chrystello*

Da MGF à apostasia (parte 2)

Continuação

Dito isto, esclarecemos dez coisas que a mulher na Arábia não pode fazer: Buscar justiça (de verdade) contra agressões:

5. *Interagir com homens: a mulher não deve falar com homens que não são de sua família. “Um homem e uma mulher que não sejam casados ou da mesma família não podem estar juntos em público, nem sozinhos no mesmo veículo, nem ir a um restaurante juntos. Quando vai a uma loja, ao banco ou ao restaurante, obrigatoriamente vai ter de falar com um homem. Isso é aceitável em qualquer cidade da Arábia”, relata Débora. A maioria dos prédios possui entradas diferentes para homens e mulheres, e parques e o transporte público têm áreas segregadas para mulheres.*

6. *Entrar em cemitérios. Uma mulher será enterrada num cemitério, mas não pode participar do funeral dos seus parentes, já que ela é proibida de entrar no local. Mas não se engane: os sauditas não dão muita atenção a funerais; até o sepultamento do rei foi simples. “Eles acreditam que os mortos podem nos ouvir. Então as mulheres não devem ir aos enterros porque, emotivas por natureza, iriam chorar muito e incomodar os mortos”, explica Débora. Outro motivo é o facto de que não se deve rezar ou fazer súplicas para os mortos, e supostamente as mulheres poderiam fazer isso.*

7. *Disputar competições desportivas. A participação de mulheres nos desportos tem grande oposição dos religiosos. Até o ensino de Educação Física é proibido nas escolas. Neste ano, a Arábia Saudita propôs-se a sediar os Jogos Olímpicos sem competições femininas — elas seriam disputadas no Bahrein, que participaria da candidatura conjunta. A ideia foi vetada pelo Comité Olímpico, que classificou a proposta como discriminatória. Mas, em 2012, as mulheres sauditas puderam pela primeira vez disputar uma Olimpíada — ainda que tenham sido chamadas de prostitutas pelos clérigos radicais do país. Aos 16 anos, a judoca Wodjan Ali Seraj Abdulrahman Shahrkhani foi uma das duas primeiras mulheres a disputar uma Olimpíada, em Londres. Ela disputou as provas com um véu depois de uma discussão com o comité, que chegou a um acordo sobre um modelo que cobriria os cabelos dela. A outra é a atleta Sarah Altar, que também correu de véu e calças.*

8. *Usar academias e piscinas sem restrições. Se vive numa cidade grande, há opções de academias femininas. Mas, nas áreas menores e mais tradicionais do país, é algo quase impossível. “Academias existem só dentro de clínicas ou salões de beleza ou estética e com várias restrições”, relata Débora. “São poucos aparelhos e horários bem reduzidos.” Uma repórter da agência de notícias Reuters contou recentemente que, apesar de estar hospedada em um hotel de luxo em Riad com uma excelente academia e uma grande piscina, foi impedida de conhecer os lugares. “Há homens em trajes de banho lá”, disse o funcionário do hotel, em choque com o pedido de Arlene Getz. O que foi disponibilizado para se exercitar foi uma pequena sala com uma esteira e uma bicicleta ergométrica.*

9. *Consultar um médico sem a presença de seu guardião. Segundo a ONG Human Rights Watch, foi aprovada recentemente uma fatwa (decreto religioso) determinando que mulheres não sejam examinadas por médicos sem a presença de seus guardiões. Elas só podem expor partes do corpo para homens em casos de emergência médica. Mas Débora afirma que tanto ela como as outras mulheres do país conseguem atendimento sozinhas com médicas mulheres sem dificuldades.*

10. *Comprar uma Barbie, a famosa boneca americana, foi banida na Arábia Saudita em 2003, já que seria uma ameaça à moralidade. As meninas do país têm a Pulla, criada na Síria e que no mesmo ano ganhou os mercados sauditas. Ela também vem em uma caixa rosa e tem uma coleção de véus que podem ser trocados. Ela não tem namorado (como o Ken) e, além de cozinhar, cantar e rezar (em vez de ter uma vida típica americana, como a Barbie), atende a um mercado consumidor que demanda uma boneca que represente as tradições islâmicas. Além disso, a Pulla custa metade do preço da Barbie.*

A apostasia: De acordo com Abdul Rashied Omar, a maioria dos estudiosos muçulmanos modernos continuam a manter uma visão tradicional de que a pena de morte por apostasia é necessária de acordo com os hádices e a Sharia. Os juristas muçulmanos que apoiam a execução dos apóstatas apontam frequentemente para um hádice — uma tradição atribuída ao Profeta Maomé no século VII — que afirma que um muçulmano que deixa a religião deve ser morto. Outros argumentam que a pena de morte é uma punição inadequada inconsistente com as injunções do Corão, visto que foi promulgada em um momento em que a primeira comunidade islâmica enfrentava inimigos internos que ameaçavam a sua unidade e segurança, sendo necessário impedir e punir o que seria equivalente a uma deserção ou traição e devia ser aplicada somente se a apostasia passasse a se tornar um mecanismo de desobediência civil e de desordem (fitna). Como tal, muçulmanos moderados rejeitam tal pena. De acordo com críticos, a pena de morte ou outra punição por apostasia no Islão é uma violação de direitos humanos universais e um problema de liberdade religiosa e de consciência. Alguns consideram que a apostasia no Islão é um tipo de crime religioso, embora outros não.

Ahmed Mohamed el-Tayeb o imã da Mesquita de al-Azhar do Cairo desde 2010, afirma que os estudiosos islâmicos clássicos e contemporâneos concordam que a apostasia é um crime potencialmente punível com a morte. Para ele, não há contradição entre defender o princípio da liberdade religiosa e sancionar o assassinato de cidadãos simplesmente por mudar suas crenças religiosas: “a liberdade de crença é uma coisa e a liberdade de renunciar a uma crença religiosa particular (i.é, o Islão) é outra coisa. Sob as leis atuais em países islâmicos, a punição prescrita para o apóstata (o umurtadd دثرم) varia de execução, prisão ou nenhuma punição. Tribunais da sharia em alguns países, usam o código civil para anular o casamento de um muçulmano apóstata e negam os direitos de guarda de seus filhos, bem como seus direitos de herança. Entre 1985 e 2006, quatro pessoas foram executadas por governos islâmicos por apostasia: “no Sudão, em 1985; dois no Irão, em 1989 e 1998; e na Arábia Saudita, em 1992.”[30] Em 2013, 23 países de maioria muçulmana tinham a apostasia em suas leis penais e 13 consideravam-na punível com a pena capital.

Amor de pai, Religião da paz? Pois... nem por isso. O taxista egípcio Yaser Abdel Said matou as suas filhas do Texas no seu táxi depois de elas terem namorado rapazes não muçulmanos. Amina Said tinha 18 anos. Sarah Said tinha 17. A 1 de janeiro de 2008, ele disse-lhes que iam comer, conduziu até Irving e abriu fogo no táxi perto de um hotel. A Amina foi alvejada duas vezes. A Sarah foi alvejada nove vezes e ainda conseguiu contactar um operador do 112. «Socorro, o meu pai alvejou-me. Estou a morrer, estou a morrer.» Said nasceu no Egito em 1957 e trabalhava em táxis em Dallas. Os procuradores afirmaram que ele tratava as raparigas como propriedade, detestava que elas recusassem casamentos arranjados e considerava que as suas vidas americanas eram uma mancha na honra da família. A mãe delas, Patricia Owens, é americana. Mais tarde, ela afirmou que ele a tinha maltratado durante o casamento. O irmão deles, Islam, ajudou-o a esconder-se. Said esteve em fuga durante 12 anos e integrou a lista dos Dez Mais Procurados do FBI. Os agentes detiveram-no a 26 de agosto de 2020. Um júri do condado de Dallas condenou-o por homicídio qualificado a 9 de agosto de 2022. A sentença foi de prisão perpétua sem liberdade condicional. Chamam isso de honra. Foram duas raparigas americanas mortas por se comportarem como todos os que vivem no Texas. Há muitos anos escrevi sobre este aborto de ideologia. Mais recentemente tenho-o trazido à baila dada a ignorância que grassa sobre a benemerência islâmica para com os cristãos.

Mais sorte teve em Sydney (Austrália), a Fawsia, quando andei com ela, sem ser apanhada (acompanhada de um homem que não era da família, num carro com um homem que não era da família, a jantar com um homem que não era da família, a sair e a beijar um homem que não era da família, etc.) e antes de ser obrigada a casar com um velho de 60 anos, apesar de ela viver na Austrália desde muito pequena. Há mais de 35 anos (creio que teria sido em 1989 ou 90), conheci em Sydney a estonteante e frágil Fawsia, jovem afegã de 18 anos, que buscava emprego a fim de se libertar da opressão ancestral da família, e a quem (sem dificuldade) arranjei emprego numa “Traineeship”. Era uma jovem desinibida, ocidentalizada, que crescera na Austrália desde os 3 anos. Fora proibida pela mãe e pelo irmão de namorar quem quera e nem liberdade tinha para atender os meus telefonemas. Se alguém soubesse que andava a sair comigo, podia ser morta para limpar a honra da família. Ela bem se queria convencer da integração cultural australiana. Sair com um homem que não pertence a uma família islâmica significa que o relacionamento seguirá, de forma geral, as dinâmicas sociais e culturais ocidentais convencionais, sem as restrições religiosas ou os contratos formais específicos que regem as interações e os casamentos no Islão. De nada serviu pensar assim, nem as suas ideias venceram. A mãe e o irmão eram ultraconservadores. Os crimes de honra são condenados no islamismo. Parecia que estavam pensando de maneira feudal: uma mulher casar com um kafir é equivalente a rejeitar o Alcorão; o matrimónio com um kafir (descrente) é proibido pelo Alcorão para mulheres muçulmanas. Vim a saber que, mais tarde, casou, à força, com um idoso de 60 anos escolhido pela família.

O mais curioso desta realidade cruel é que, por uma inacreditável coincidência, quando estive em contrato noutro ministério em 1991, o irmão dela trabalhava lá e eu assim soube o que se passara. Fiquei triste, o meu casamento já andava pelas ruas da amargura e a Fawsia era um doce de mulher jovem. Foi um affair sensual, mais do que platónico, uma experiência única para ela que nunca tinha beneficiado da liberdade de um beijo, um abraço, uma carícia. Foram dias tórridos, e uma vez levei-a a jantar marisco (que ela nunca provara) a um restaurante sob a ponte (Sydney Harbour Bridge, talvez fosse, embora eu já não esteja certo do nome, Harbourfront Seafood Restaurant). Jamais a esqueci, olhos almeçados duma beleza indefinida. (São caracterizados por um formato alongado, com o canto externo ligeiramente mais alto do que o canto interno, lembrando o desenho de uma amêndoa).

*Jornalista, Membro honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)